

Inflação é o problema maior da economia

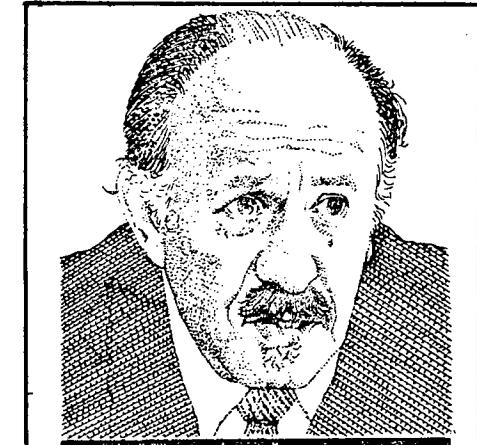
Todos concordaram com a tese de que a inflação é o mais dramático problema hoje da economia brasileira. "Ou se faz alguma coisa em relação à inflação ou ela nos afoga a todos inclusive nos planos de médio prazo de investimento" proclamou o professor da USP Paul Singer. Na mesa, o mais otimista foi Mário Henrique Simonsen. "Não vejo razão para que ela suba e não vejo razão para que ela desça substancialmente" apostou o ex-ministro acreditando que os índices podem continuar assim, em torno de 18%. Isto significa — calculou Simonsen — uma taxa anual de 629%.

Chico Lopes acha que "fatalmente" a inflação continuará a subir. E existe, segundo o economista, uma explicação inercial muito simples para sustentar sua tese. "Antes do Plano Bresser existia uma inflação embutida na economia em torno de 20% ou mais", o Plano Bresser foi como "comprimir uma mola e depois soltar", explicou. Os agentes econômicos nesse período não esqueceram a inflação passada, porque o Plano não conseguiu "cortar a inércia". Agora a tendência é a inflação voltar ao nível de antes, já que todos os agentes estão recompondo os picos anteriores de renda real. E há ainda um agravante. Como um dos objetivos do Plano Bresser era corrigir as distorções de preços relativos, as tarifas públicas têm sido reajustadas de forma substancial, o que implicou um aumento de custos. "Então estamos falando do velho patamar de 20%, mas numa pressão de custos que a gente não sabe quanto é, pode ser de 25% ou de 30% e isto mesmo que não ocorra qualquer choque inflacionário adicional, ou qualquer elemento de conflito".

Simonsen discorda da tese em pelo menos uma premissa. "Será que a inflação dos primeiros meses do ano passado representa alguma tendência de inflação real?" É que a economia entrou em 87 com a inflação reprimida do longo congelamento do Plano Cruzado e logo em seguida entraram em ação os efeitos dos aumentos de preços defensivos, pelo temor de um novo congelamento, argumentou Simonsen. O professor acha que não há elementos claros nem para dizer que a inflação vai subir, nem para prenunciar qualquer controle sobre o processo.

Singer, no entanto, acha que ela vai subir "e muito rapidamente". O professor da USP, por motivos diferentes das de Chico Lopes, acabou proclamando no debate que o país "está às vésperas da hiperinflação". E explicou: "Quando a inflação ultrapassa um certo limiar, que nós já ultrapassamos, a concorrência deixa de existir. E em cada boutique, em cada quitanda, em cada açougue ou bar é como se existisse um minimonopólio, diante da incapacidade do consumidor de distinguir o que é caro e o que é barato." Singer alerta que isto acaba tendo efeitos macroeconómicos dramáticos e exemplificou com os levantamentos de preços feitos em São Paulo que mostram numa mesma cidade produtos com 100% de diferença de preços. É a desorganização provocada pela inflação alta. E a capacidade do consumidor de punir quem cobra mais alto fica cada vez menor com o avanço desse processo desorganizador da economia que é uma inflação alta.

E há outro fator tornando ainda mais instável a situação econômica, segundo lembrou Dionísio Dias Carneiro. A sucessão de reuniões, como a da semana passada, do governo, para discutir se congela ou não congele a URP, acaba criando um ambiente propício à difusão dos boatos sobre congelamento, com a consequente onda de aumentos defensivos. "Em dezembro nós fizemos uma aposta aqui e nós, que



"Estamos às vésperas da hiperinflação e a economia já está desorganizada"

Paul Singer

devemos representar alguma coisa em termos de formação de expectativas no país, acreditávamos que o congelamento era iminente nos próximos 30 dias." Nos primeiros dias de governo — lembrou Dionísio — o ministro Maílson da Nóbrega tentou exatamente desmontar essa expectativa que estava na cabeça dos agentes que remarcavam os preços. "Esse elemento de expectativa de congelamento hoje está muito semelhante ao que estava em maio passado. Está de volta." Dionísio Carneiro acha que para congelar a URP por três meses, como o governo está pensando, será necessário fazer um "controle de preços muito rígido para tentar diminuir essa perda salarial".

— Estamos realmente encalacrados — interrompeu Edmar Bacha, que acompanhava o raciocínio dos outros economistas anotando num bloco. "Estou fazendo uma lista aqui: é possível desindexar por recessão, por decreto, por acordo ou por congelamento", contabilizou o professor, relacionando as formas de quebrar a inércia inflacionária. Está convencido, no entanto, de que nenhuma das formas é possível hoje no país. "Por recessão não será, porque o ministro não quer aplicar na economia uma recessão exageradamente forte; por decreto não passa; por acordo não se consegue e por congelamento não funciona".

— Para desindexar o congelamento funciona. Tíma Chico Lopes, ainda fiel às teses dos choques heterodoxos.

— Não funciona — rebate Edmar Bacha, socorrendo-se de uma tese defendida pelo próprio Chico Lopes, a de que o Plano Bresser não conseguiu fazer com que os agentes econômicos esquecessem a inflação passada, e sentencia: "Às decisões do governo, contrapõem-se decisões da sociedade".

“O grande obstáculo hoje ao investimento no país é a inflação de 18% a 20% lembrou Mario Henrique Simonsen. E isto por vários motivos. “Ninguém vai tomar dinheiro emprestado com correção mais juros numa inflação dessa ordem”. Além disso, com a inflação alta, o governo precisa cada vez de maior financiamento para seu déficit e pressiona o mercado de capitais. “Quanto mais a inflação sobe, mais o governo precisa tomar recursos no mercado e menos o setor privado tem espaço para fazê-lo. E o governo acaba conseguindo novos recursos apenas com juros altos” lembra Simonsen. O ex-ministro da Fazenda faz uma previsão assustadora. Está convencido de que dentro de um ou dois anos, se a inflação continuar nesse patamar, o governo vai esgotar sua capacidade de se financiar através de títulos da dívida pública. “Chega um momento em que não há mais recursos para tomar, mesmo a juros altíssimos”.